

ANÁLISE DO REPERTÓRIO GRÁFICO DE UMA CRIANÇA NÃO OUVINTE: A SURDEZ E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESENHO INFANTIL

Liane Carvalho Oleques

lioleques@gmail.com

Universidade Do Estado De Santa Catarina

RESUMO

Considerando a importância dos estudos já realizados sobre o desenho da criança contemplando seus distintos aspectos, este artigo tem por objetivo apresentar o projeto de pesquisa de mestrado da autora que salienta a análise do desenho de uma criança portadora de surdez profunda, objetivando uma maior compreensão da atividade gráfica, tendo em vista, suas relações com a percepção do mundo que a rodeia, bem como, relações de cognição. Fazendo-se necessário, a fim de controle de pesquisa, a análise do desenho de uma criança ouvinte de mesmo gênero, idade e situação sócio-econômica.

Palavras-chaves: desenho infantil, cognição, criança surda

ABSTRACT

Considering the importance of the studies already carried out on the drawing of the child contemplating his different aspects, this article has since objective presents the project of inquiry of master's degree of the author who points out the analysis of the drawing of a childish bearer of deep deafness, aiming at a bigger understanding of the graphic activity, I have in mind, his relations with the perception of the world that surrounds it, as well as, relations of cognition. When there is made necessary, in order to control of inquiry, the analysis of the drawing of one childish listener of the same type, age and situation economical-partner.

Words-keys: childlike drawing, cognition, deaf child

Introdução

O presente artigo apresenta os resultados parciais de uma pesquisa acerca do processo de desenvolvimento da atividade gráfica de uma criança com surdez profunda, levantando questões sobre as relações de percepção do mundo da criança surda e a formação do seu repertório visual e gráfico. Trata-se de uma reflexão relevante que envolve questões relativas ao ensino das artes visuais e a educação inclusiva.

A presente pesquisa origina-se do projeto desenvolvido no mestrado vinculado ao Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina. A motivação desta pesquisa surgiu a partir do trabalho começado com crianças surdas na disciplina Ensino da Arte em uma escola da rede pública da cidade de Florianópolis na metade do ano de 2008, além, do interesse pessoal pelo grafismo infantil, suas formas, cores e temas, buscando uma maior

compreensão a respeito do assunto, permitindo, assim, conexões com o desenvolvimento cognitivo e identitário de cada criança.

Já compreendendo aspectos do desenho infantil foi possível observar a atividade gráfica destas crianças com maior atenção, surgindo, assim, inúmeras questões as quais motivaram a elaboração deste projeto voltado à pesquisa de mestrado, contemplando a análise da atividade gráfica de crianças não ouvintes. Considerando o grande número de pesquisas acerca do desenho infantil, esta investigação possui como diferencial: um participante surdo profundo, vindo a acrescentar na relevância do tema, visto o número reduzido de pesquisas que contemplam desenho infantil e surdez.

Pretende-se, assim, observar como se desenvolvem as representações gráficas em uma criança surda profunda de nove anos iniciada na língua de sinais, salientando suas especificidades gráficas com relação à surdez. Neste panorama, buscam-se relações de comunicação, cognição e linguagem, considerando a língua de sinais, além de observar questões de visualidade que caracterizam o sujeito surdo.

Desta maneira, faz-se necessário que questões como estas sejam problematizadas a fim de prover reflexões acerca do desenho infantil que contemplam crianças especiais, além de tornar o desenho não mais um exercício automático e destituído de objetivos e significados, porém devidamente contextualizado e compreendido em toda sua complexidade.

Frente a estas premissas, demarcou-se a questão a qual se possibilitou trabalhar: Como se compõem o repertório gráfico de crianças surdas com relação ao de crianças ouvintes?, hipotetizando que crianças surdas possuam modos de representação diferentes das crianças ouvintes, tendo em vista, o fato de serem hipervisuais. Objetiva-se, portanto, investigar o desenho de uma criança surda profunda de nove anos, iniciada na língua de sinais e de uma criança ouvinte do mesmo sexo e idade, visando: 1. Analisar como se constrói o repertório gráfico destas crianças a partir de representações simbólicas de objetos e figura humana; 2. Observar se a perda auditiva leva a uma compensação do sentido viso-espacial possibilitando uma maior percepção do meio, facilitando, assim, a representação gráfica; 3. Observar como os desenhos de crianças surdas e ouvintes podem estabelecer ligações com os níveis cognitivos abordados por Bernard Darras.

Alguns enfoques teóricos auxiliam na investigação do tema no tocante a surdez, linguagem, pensamento e comunicação como Oliver Sacks (1998), Celeste Azulay Kelmam (1996) e Marlene Danesi (2003), bem como, Lev Vygotsky (1991 - 1999), Antonio Damásio (2000) e Bernard Darras (1996 – 1998). Os recursos teóricos acerca do desenho infantil e Ensino da Arte baseiam-se nos estudos de Luquet (1969), Lev Vygotsky (1998), Henri Wallon (1979), Maria Lúcia Batezat Duarte (1995) e Brent e Marjorie Wilson (1999) entre outros.

Quanto ao enfoque metodológico será utilizada a pesquisa qualitativa, visando sua flexibilidade na investigação, contemplando o estudo de caso múltiplo. Serão empregados, também, como instrumentos para a coleta de dados, entrevistas semi estruturadas e observação participante, contando o período para a coleta o primeiro semestre de 2009. O material utilizado para análise será o desenho desenvolvido pelos sujeitos da pesquisa, em atividades direcionadas e livres, no período determinado, por meio de encontros semanais.

Revisão da literatura

Considerando os estudos já desenvolvidos acerca do desenho infantil, salienta-se nesta investigação a análise do desenho de um menino com surdez congênita profunda com nove anos de idade. Entendendo-se assim, indivíduos com perda auditiva desde o nascimento, classificadas na última categoria, ou seja, perda total da audição, antes de entrarem em contato com a linguagem oral e, no caso deste menino, iniciado somente na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Objetiva-se nesta pesquisa examinar como se desenvolve o repertório gráfico desta criança, conhecendo suas especificidades. Paralelamente, a fim de controle faz-se necessário a análise do desenhar de uma criança ouvinte, considerando o mesmo sexo e idade da criança surda.

Considerando o desenho como um elemento de cognição, entende-se o desenvolvimento gráfico da criança como um processo, a princípio visual, onde será construída uma imagem mental do objeto, para posteriormente, ser desenhado. A criança estabelece, assim, um modelo do desenho de tal objeto que vai ser seguido durante determinado período, até que se acrescente ou se modifique outros detalhes ou formas. Considerando a representação mental, ou seja, a elaboração do desenho no plano mental é possível estabelecer relações com Damásio (1999) quando

esclarece que as imagens mentais, ou seja, os pensamentos se constituem de modalidades que vão além do sentido da visão, acrescidas das modalidades de audição, gustação, tato, olfato e somatosensoriais. Vigotski (2005) também discorre acerca desta questão quando afirma que a linguagem é uma função regularizadora do pensamento, porém, ressalva que o pensamento verbal “não abrange de modo algum todas as formas de pensamento ou de fala” (VIGOTSKI, 2005, P. 58). Deste modo, há uma grande área do pensamento que não mantém relação com a fala.

Entretanto, quanto ao que é possível esclarecer acerca do pensamento do sujeito surdo, Sacks prevê que a acentuada visualidade do surdo inclina estas pessoas a formas de memória especificamente “visuais” (SACKS, 1998, p. 118), considerando a linguagem de sinais que faz a vez das palavras. Os surdos tendem a organizar seus pensamentos segundo uma ordem lógico-espacial, portanto, esta forma de pensamento, segundo o autor, se promove no espaço tridimensional facilitando certas habilidades, destacando como exemplo, o grande número de arquitetos e engenheiros surdos, entre outros que possuem “grande facilidade para imaginar e pensar no espaço tridimensional” (SACKS, 1998, p. 119).

Haja vista, a marcante visualidade do sujeito surdo, pretende-se observar se esta compensação facilita a percepção do meio e a memória auxiliando na representação gráfica. A idéia de que o surdo tende a se concentrar mais visualmente leva Sacks a salientar que a língua de sinais, entre outras linguagens corporais, seria responsável por este atributo. Deste modo, “Todos os surdos (...) adquirem certa intensificação da sensibilidade visual e passam a apresentar uma orientação mais visual no mundo”. (SACKS, 1998, p. 113). Sacks narra, entre outros casos, o caso de Joseph, menino que nasceu surdo e durante muito tempo permaneceu sem língua alguma, tendo sido diagnosticado inúmeras vezes como deficiente mental em função de sua dificuldade em comunicar-se. Apenas com onze anos começou a freqüentar a escola, porém, lhe era atribuída uma evidente habilidade para o desenho (SACKS, 1998, p. 50): “Joseph ansiava por comunicar-se, mas não conseguia. Não sabia falar, escrever, nem usar a língua de sinais, e só podia servir-se de gestos e pantomima, além de uma notável habilidade para desenhar.” O autor salienta ainda a importante inteligência visual do menino, resultando em uma boa percepção para resolver problemas de ordem visual, porém, a atividade que o agradava era consideravelmente o desenho (SACKS, 1998, p. 51):

“Ele sabia desenhar, e gostava dessa atividade: fazia bons esboços do quarto, apreciava desenhar pessoas.”

O mesmo autor acrescenta que testes realizados com sujeitos surdos e ouvintes notificaram estas características. Conforme Sacks, flechas de luz lançavam *pseudocaracteres*, os quais os participantes da investigação deveriam rapidamente vê-los, memorizá-los e desenhá-los. O resultado mostrou que os surdos, usuários da língua de sinais, obtiveram desempenho melhor e acima do normal, indicando que as habilidades visuais em sujeitos surdos, são realmente acentuadas.

O autor atribui esta característica, também, à língua de sinais, pois, este tipo de comunicação é estritamente visual, facilitando, por exemplo, a apreensão de imagens e a decomposição de movimentos rápidos:

A percepção intensificada de estímulos desse tipo é crucial na comunicação da língua de sinais, pois os olhos do indivíduo que executa os sinais geralmente se fixam no rosto da pessoa com quem ele se comunica, e portanto os movimentos de sinais das mãos aparecem na periferia do campo visual. (SACKS, 1998, p. 113).

Marlene Canarim Danesi (2003), que pesquisou a representação gráfica da imagem corporal de crianças surdas, esclarece que crianças não ouvintes conseguem pensar com palavras, considerando, a língua de sinais, pois esta forma de comunicação possui em seus signos uma estrutura complexa “capaz de substituir os sons das letras e das palavras (imagem acústica) que junto com a configuração dos objetos (símbolos) permite que a criança incorpore gradativamente significado e significante, isto é, o signo lingüístico” (DANESI, 2003, p. 22).

Sendo assim, o foco desta autora se concentrou na representação gráfica da imagem corporal de sujeitos surdos usuários e não usuários da língua de sinais, constatando que ao representarem graficamente a imagem de seus corpos, as crianças surdas conhecedoras da língua de sinais, possuíam um desenho melhor organizado do que seus pares, enquanto o grupo de crianças não usuárias da língua de sinais obtiveram representações as quais foi possível relacionar ao Realismo Fortuito classificado por Luquet. Desta forma, portanto, fortalecendo a relevância da língua de sinais na organização das competências cognitivas. “A palavra consegue dar outra dimensão ao eu visceral, portanto é fundamental para que o eu corporal se organize, daí a relevância da Língua de Sinais para a criança surda construir sua imagem corporal”, completa a autora (DANESI, 2003, p. 26).

Este tipo de linguagem deve ser entendido não somente como uma forma de comunicação com o outro, porém consigo mesmo. A língua de sinais é um

instrumento de pensamento, organizando as competências cognitivas, permitindo exprimir pensamentos e sentimentos.

Frente a essas premissas é possível voltar a questão da pesquisa e indagar com se compõem o desenho de uma criança surda, considerando questões de hipervisualidade, aquisição de linguagem, pensamento e conceitos, além de relações com os processos cognitivos que as crianças fazem uso ao desenhar.

Contudo, para uma criança surda com atraso na linguagem, a aprendizagem e o desenvolvimento podem ficar comprometidos. Márcia Goldfeld que pesquisou o desenvolvimento da criança surda afirma:

A aprendizagem que se inicia pelas relações interpessoais, necessita, na maioria das vezes, da linguagem. (...) Ele (o surdo) não tem acesso aos conceitos científicos, sua aprendizagem é difícil e seu desenvolvimento segue caminhos diferentes dos das crianças que passam por um processo de aprendizagem formal, escolar, sem dificuldades lingüísticas. (GOLDFELD, 2002, p. 74)

A autora discorre, ainda, acerca da atividade da brincadeira. Afirma que a brincadeira é um atividade generalizadora, pois, quando uma criança brinca fingindo ser um personagem, um motorista por exemplo, ela assume as características gerais desta categoria. Porém, para a criança surda a generalização é de difícil compreensão: "(...) já que é basicamente pela linguagem que as crianças começam a fazer generalizações e classificações." (GOLDFELD, 2002, p. 78). Todavia, Goldfeld (2002) ressalva que – até o momento da conclusão dos estudos da autora - não se tem dados referentes acerca das generalizações nas brincadeiras com crianças surdas.

Alguns resultados, discussão e conclusões

Partindo das considerações que pensam o desenho infantil como um processo de cognição, onde as crianças ao desenharem realizam um resumo dos elementos mais gerais apontados nos objetos é possível analisar algumas produções feitas pelas crianças.

Maria Lucia Duarte (2008) interpreta o desenho infantil como um *resumo cognitivo* dos objetos desenhados pela criança, ou seja, um *esquema gráfico* estabelecido pela criança como uma síntese visual dos elementos mais relevantes da imagem a ser grafada, assim como coloca Duarte (DUARTE, 2008, p. 1290): "Os esquemas gráficos são representações simplificadas e generalizantes dos objetos

do mundo”. Deste modo, aproxima-se de alguns estudiosos do desenho infantil como Luquet, Gombrich e Arnheim, sustentando a idéia de síntese no desenho da criança. Ainda no início do século XX, Luquet (1969) já considerava como elementos do desenho infantil a elaboração de um *Tipo* e de um *Modelo interno*. O desenho considerado como *Tipo* requer o uso do mesmo modelo, durante um determinado tempo, para representar determinado objeto. Todavia, estas conservações que permanecem no desenhar infantil obedecem segundo Luquet (1969) ao *Modelo Interno* que seria correspondente a *realidade psíquica* da criança. Gombrich (1999) aborda o desenho da criança a partir do conceito de *imagem mínima*. Quando uma criança desenha o esquema de um homem ela está representando a imagem mínima necessária para compor a representação de figura humana, isto é, o círculo para a cabeça e as hastes para o corpo. Acrescenta ainda que a imagem mínima é *fundamentalmente psicológica*, ou seja, o desenho infantil de um homem possui somente as partes que atribui sentido e função a este. Também, sob esta óptica Arnheim (2000) concebe que *Conceitos Visuais* sejam traduzidos em *Conceitos Representativos*, ou seja, a criança representará graficamente as formas básicas e estruturais dos objetos.

Darras (1998), em parte de seus estudos, também discorre sobre esta questão quando afirma que este modo de desenhar, conservando e salientando certas características gerais dos objetos, realizando uma simplificação ou esquematização pode ser chamada de *resumo cognitivo*. Deste modo, algum tipo de desenho produzido por um indivíduo pode ser repetido inúmeras vezes ou até mesmo por toda sua vida. A estes esquemas visuais repetitivos o autor denomina de *iconotipo*.

Deste modo, a criança ao desenhar, estabelece relações de generalização com o objeto a ser representado, ou seja, a criança representa num primeiro momento, as características mais gerais e significativas do objeto. Um bom exemplo são as inúmeras denominações (mamãe, vovó, papai,...) que ela atribui às primeiras representações de figura humana, caracterizadas por um círculo e duas hastes (representando a cabeça e as pernas/tronco).

Darras constrói seu pensamento segundo as teorias de Eleonor Rosch que situa três níveis de abstração cognitiva. Conforme estes estudos, Darras estabelece diálogos entre os níveis cognitivos e os esquemas gráficos produzidos por crianças e adultos não iniciados como recurso de comunicação.

Considerando, portanto, as funções cognitivas que as crianças processam ao desenhar, Darras traça três níveis, seguindo os estudos de Eleanor Roch: o Nível Sub-ordenado onde há pouca abstração, relaciona-se com o pensamento visual, ou seja, o objeto representado segue os padrões da visualidade; o Nível de Base onde as abstrações seguem a mesma ordem do pensamento figurativo, funcionando como um *resumo cognitivo* do objeto representado; e por último o Nível Super-ordenado onde a abstração é completa.

Tendo em vista o nível de base o autor esclarece (DARRAS, 1996, p. 104):

No contexto de uma produção na qual não seja convocada conscientemente uma imagem mental reprodutora, propomos a hipótese que uma outra via (eventualmente direta) se estabelece entre a categoria cognitiva e a ação gráfica. A categoria cognitiva funciona então como uma fonte documental de referência; ela oferece um banco de dados organizado, hierarquizado, mais ou menos segmentado e simplificado das características figurativas importantes do objeto apresentado. (...) o procedimento gráfico funcionaria por convocação (...) e reunião dos traços e das informações figurativas da entidade cognitiva que constitui o resumo cognitivo.

Podemos concluir que o *Modelo Interno* traduzido por Luquet, ou a *imagem mínima* concebida por Gombrich e até mesmo a idéia de *conceitos representativos* abordada por Arnheim correspondem ou dialogam, na atualidade, ao *resumo cognitivo* ou *iconotipo* apontados por Darras e aos *esquemas gráficos* sugeridos por Duarte.

Isso demonstra que o ato de desenhar não pode ser visto como um exercício automático e destituído de raciocínio, objetivos ou significados.

Até agora foi possível observar que o desenvolvimento das representações gráficas da criança surda se compõe de forma bem semelhante ao da criança ouvinte.

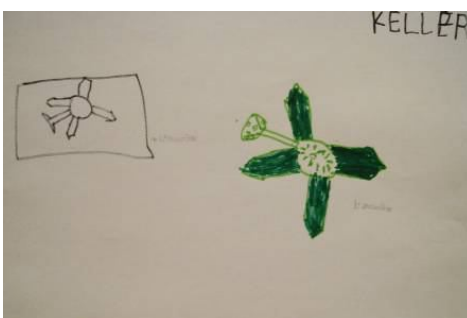
A criança surda escolhida para a análise possui nove anos, mora em Florianópolis/SC com a família e mostra-se bem entrosada com o irmão mais velho com quem divide as brincadeiras. Quase toda semana chega à escola contando algum acontecimento ocorrido em sua casa. Em atividades de desenhos livres, realizadas nos encontros semanais, o menino dá preferência à representação de brincadeiras que realizou com o irmão como o jogo de pipas. À medida que desenha conta, quase em detalhes através de gestos e LIBRAS como brincava, se dedicando a desenhar o foco de sua história – a pipa. Contou desenhando, por exemplo, que havia cortado o dedo com o fio da pipa, enrolando-a no carretel (Fig. 01).



(Fig. 01)

Chama atenção a figura humana representada na imagem (Fig. 01), apesar de se estruturar como as outras, ou como os iconotipos apontados por Darras, essa figura apresenta massa corpórea e detalhes mais característicos de um ser humano. Isso mostra, até então, que a criança observada realiza seus processos cognitivos de forma não muito diferente aos da criança ouvinte, ou seja, fazendo uso, também, de processos cognitivos de Base. Os iconotipos estão presentes, porém, o menino dá mais ênfase ao desenhar ao foco da história – a pipa ou o menino que cortou o dedo, comunicando-se assim de forma eficaz.

Apresenta, também, momentos de desenhos livres, onde se mostra mais interessado em representar objetos que estão ao alcance de seu olhar, como no exemplo a seguir (Fig. 02), onde representou o ventilador da sala onde estava.



(Fig. 02)

Observa-se que a visualidade do menino é bem aguçada, orientando-o a fazer esboços bem detalhados daquilo que observa. Neste caso é possível salientar questões acerca da hipervisualidade do sujeito surdo apontadas por Sacks, seguindo assim uma forma de pensamento vinculada ao Nível Sub-ordenado e ao Pensamento Visual, abordados por Darras.

Demonstra-se, portanto, que a pesquisa vem a colaborar com os inúmeros estudos acerca do desenho infantil, porém, trazendo como foco a criança surda, buscando conhecer seus modos de ver e desenhar, compreendendo, assim, um pouco mais acerca da vida de um indivíduo que não ouve.

Bibliografia

- ARHEIM, Rudolf (1974). **Arte e Percepção Visual**. 10 Ed., São Paulo: Livraria Pioneira e Edusp, 1996.
- DAMÁSIO, Antônio R. (1999). **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DANESI, Marlene Canarim. **Estudo exploratório do desenho de crianças surdas, relacionando a representação gráfica da imagem corporal com o uso da língua de sinais**. Porto alegre e Bueno Aires. Tese de mestrado, 2003.
- DARRAS, Bernard. **A imagem, uma visão da mente. Estudo comparado do Pensamento Figurativo e do Pensamento visual**. In: *Recherches en communication*. Paris, França, n.9, 1998. Tradução de Maria Lúcia B. Duarte.
- DUARTE, Maria Lúcia B. **Sobre o desenho infantil e o nível cognitivo de base**. ANPAP 2008. Anais do 17º Encontro Nacional da ANPAP “Panorama da Pesquisa em Artes Visuais”. Florianópolis, 2008. p. 1283-1294. <http://www.anpap.org.br/2008/artigos/117.pdf>
- _____ **Sobre o funcionamento cerebral e a importância do desenho para os cegos**. In: MEDEIROS, Maria Beatriz de (org) arte em pesquisa. Ensino e aprendizagem da arte e linguagem visuais. Brasília, DF: UnB/ANPAP, 2003, p. 113-125.
- GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2ª edição. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- GOMBRICH, Ernest. **Meditações sobre um cavaleiro de pau**. São Paulo: Edusp, 1999.
- LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo; EPU, 1986.
- LUQUET, George-Henri. (1927) **O desenho infantil**. Porto: Ed. Minho, 1969. Tradução de Maria Teresa Gonçalves de Azevedo.
- SACKS, Oliver. **Vendo vozes. Uma viagem ao mundo dos surdos**. Ed. Campanha das letras, São Paulo, 1998. Tradução: Laura Teixeira Motta.
- VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 2005. Tradução: Jeferson Luiz Camargo.

Liane Carvalho Oleques

Mestranda do PPGAV-Mestrado, do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), na linha de Pesquisa de Ensino da Arte, sob a orientação da Prof. Dra. Maria Lúcia Batezat Duarte. É graduada em Desenho e Plástica Bacharelado e Licenciatura pela UFSM e atua como professora da Disciplina de Artes na APAE, Florianópolis-SC.